

a Europa

de um terço das reservas mundiais de gás natural



pela Gazprom

South Stream

Visa fazer chegar o gás russo à Itália, através da Turquia, Bulgária, Sérvia, Hungria e Áustria, deixando fora de curso a Ucrânia, actualmente país de trânsito de 80 por cento do gás natural russo para a Europa. Foi projectado depois de a UE apresentar os planos do Nabucco

Nabucco

O projecto nasceu para dar resposta às ansiedades europeias em relação à dependência do gás natural russo ligando a Turquia à Áustria, através da Bulgária, Roménia e Hungria. A UE permanece num impasse sobre o seu desenvolvimento

anos, Vladimir Putin. Mas antes mesmo de o ano acabar, Ieltsin demitia-se e cedia a presidência interinamente a Putin, que as urnas confirmariam no poder poucos meses mais tarde. Nem um ano havia de passar até o novo Presidente da Rússia arrumar a casa na Gazprom, substituindo os últimos representantes da "velha guarda" por homens que lhe eram totalmente leais, Miller e Medvedev à cabeça.

Ao longo de quase nove anos no

Kremlin, Putin usaria implacavelmente o crescente poderio económico da empresa - sob domínio absoluto do Estado desde 2005 (50,01 por cento das acções). Foi com a Gazprom que combateu os inimigos políticos dentro da Rússia, recuperou a influência sobre as antigas repúblicas soviéticas e ganhou poder negocial face aos países da Europa Ocidental, aumentando estrategicamente a sua dependência do gás natural russo.

Análise A estratégia energética russa é geopolítica ou pura economia de mercado? Dois peritos explicam ambos os cenários. Nenhum é tranquilizador.

Moscovo usa a energia como arma política

Ida Garibaldi

● A Rússia é um fornecedor pouco fiável, cuja expansão económica tem sido acompanhada por uma inclinação para usar a energia como arma política. O corte nos fornecimentos à Ucrânia, no Inverno de 2006, resultou numa perturbação imediata para a Europa Ocidental. Um ano mais tarde o mesmo se deu com a Bielorrússia. E de ambas as vezes o Kremlin ficou indiferente ao vigoroso protesto da União Europeia.

Ao mesmo tempo, Moscovo proibiu as empresas europeias de concorrerem à extracção de petróleo e gás e obrigou a Shell e a holding anglo-russa TNK-BP a venderem as suas posições nos campos de gás natural à gasífera estatal russa Gazprom.

Foi feita no Senado norte-americano a recomendação

de que é altura de a NATO desempenhar maior papel na segurança energética, face a agressividade com que a Rússia tenta conquistar uma posição monopolista na distribuição do gás na Europa. Negligenciá-lo pode ser venenoso para a Aliança, que corre o risco de se dividir entre países vulneráveis e não vulneráveis, os primeiros a ficarem expostos à chantagem política.

A NATO deve definir a instrumentalização dos fornecimentos de energia como uma arma e deve poder invocar o artigo 5 do Tratado do Atlântico Norte, segundo o qual um ataque contra um membro constitui um ataque contra todos. Isto não significa que a NATO deve atacar militarmente em todos os casos, antes que pode fazê-lo. E também que a NATO deve estar preparada para fornecer um país membro que seja alvo de manipulação

através da energia.

A União Europeia, por seu lado, tem de prosseguir com a construção do Nabucco, pressionando os estados-membros a cooperarem. Tem também de aprovar o terceiro pacote legislativo dos mercados da electricidade e gás, apresentado pela Comissão Europeia em 2007, que promove a liberalização dos mercados assim como a separação entre os canais de produção e de distribuição.

Esta legislação vai ajudar a resistir à influência da Rússia ao exigir que os países que queiram competir no mercado de energia da UE sigam as mesmas regras aplicadas aos estados-membros - e isto inclui permitir às empresas europeias comprarem gasodutos e outras infra-estruturas de energia na Rússia.

Investigadora do think thank American Enterprise Institute

A Rússia arrisca ficar sem gás para exportar

Andreas Goldthau

● A Rússia tem forte dependência dos mercados europeus, e dos seus preços altos da energia, onde a gigante gasífera Gazprom obtém todos os lucros. E não tem um cliente alternativo à Europa Ocidental, sendo esse o destino dos principais gasodutos. Isto significa que cortar os fornecimentos se traduziria em perdas orçamentais muito significativas para o Kremlin. Não se justificam, por isso, os receios de que a energia russa possa ser usada como um instrumento de política externa.

O que há a temer é a questionável capacidade de a Rússia continuar a alimentar as necessidades do consumo europeu. Moscovo tem investido muitíssimo pouco nas capacidades de

exploração: os maiores campos de gás em exploração estão já maduros e os novos custarão muito mais dinheiro a criar e exigirão tecnologia muito mais desenvolvida.

A procura de gás na União Europeia irá subir dos 560 mil milhões de metros cúbicos actuais para mais de 800 mil milhões de metros cúbicos em 2030. A Europa precisa de mais fornecimentos e mais gasodutos. Os russos sabem isto e têm jogado muito bem.

Asseguraram o gás da Ásia Central, agora largamente inacessível aos europeus. Assinaram acordos para vários gasodutos com Alemanha, Bulgária, Hungria e Itália, estabelecendo novos e enormes canais de fornecimentos, ao mesmo tempo que conseguiram circundar países de trânsito como a Ucrânia e a Bielorrússia.

Neste cenário, os europeus não conseguiram entender-se, mantendo uma vigilância invejosa das suas 27 políticas nacionais de energia em vez de resolverem a grande questão: a Gazprom deve ser admitida ou banida do jogo? Integrá-la oferece as vantagens de forçar a Rússia a jogar pelas regras da UE e a querer manter satisfeitos os clientes que pagam bem.

A energia e a segurança energética devem ser tratadas em termos de mercado e de padrões de oferta e procura. As instâncias de discussão são a Agência Internacional de Energia, onde existem já mecanismos de emergência para o petróleo, a Organização Mundial de Comércio, em que a Rússia se quer integrar, e a UE no papel de reguladora.

Investigador da Universidade Johns Hopkins



PORTUGAL EM FIBRA ÓPTICA

AS REDES DE NOVA GERAÇÃO SERÃO UM IMPORTANTE FACTOR DE DIFERENCIAÇÃO ECONÓMICA ENTRE PAÍSES OU REGIÕES

Conferência APDC | 8 de Julho | Centro Cultural de Belém
Inscreva-se já em www.apdc.pt